

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM  
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

---

PSICOLOGIA AMBIENTAL - A EXPRESSÃO ESTÉTICA DAS PERIFERIAS URBANAS

Teresinha Maria Gonçalves (UNESC)

## PSICOLOGIA AMBIENTAL - A EXPRESSÃO ESTÉTICA DAS PERIFERIAS URBANAS

### RESUMO

A proposta do estudo é trabalhar o processo de apropriação do espaço, através de um dos métodos da Psicologia Ambiental, a **síntese poética**, na perspectiva de método auxiliar do planejamento urbano. A síntese poética seria o tempo interior conduzido pelo objeto poético materializado no espaço. Esse mediará a relação homem *versus* mundo. A Psicologia ambiental tem por objetivo o estudo do significado simbólico do espaço e a compreensão dos processos psicossociais, derivados das relações entre as pessoas e seus entornos sóciofísicos. O conceito de apropriação, fundamental em Psicologia Ambiental está relacionado ao conceito de identidade de lugar - *place identity* (PROSHANSKI,1976). Isso quer dizer que o lugar tem um significado para o sujeito que o incorpora à própria identidade. O processo de apropriação tem uma dinâmica em dois sentidos: um dirigido para a conquista do espaço; outro para si: o sujeito adapta o espaço às suas próprias necessidades e dá-lhe características próprias.

## INTRODUÇÃO

Discorrer sobre o bairro Renascer é como caminhar no mosaico chamado Brasil, onde a população residente não o escolheu para morar, mas teve a oportunidade de ter uma casa. Os lotes, todos iguais, de casas também iguais enfileiram-se nas ruas curvas e estreitas no espaço que antes foi o lixão da cidade. Mosaico físico-cultural chamaríamos, pois, nos lotes, existem casas e uma variedade de famílias vindas de diversos locais da região carbonífera e de outros estados do Brasil. Percorrendo suas ruas, percebemos visíveis diferenças no morar ou no habitar. As casas habitadas transformadas, em residências, já revelam a marca de seus habitantes, enquanto as... casas/moradas não expressam essas marcas. (Os “passantes” como nós pesquisadores não devemos esquecer que no interior de cada residência, está contida uma individualidade familiar). Uma pesquisadora, passando por uma das casas, fez o seguinte comentário: “Observei que, em cada cômodo da casa, dois televisores estavam sobre armários escancarados para a rua, ligados no mesmo canal, como se pronunciassem: “aceitem a individualidade dos que ali residem”. Num movimento contrário, outro integrante do grupo, uma aluna de Psicologia, ficou muito impressionada ao passar por uma casa muito pobre e modesta, sem pintura, e ler o que estava escrito, a giz, na porta de entrada: **“Eu estou aqui”**. Já o arquiteto ficou intrigado com a apropriação “indébita” das calçadas, uma vez que as pessoas são obrigadas a passar pelo meio da rua, porque os moradores plantam flores em toda a calçada. Contudo, todos os integrantes desse grupo de pesquisa, com o olhar da arquitetura, da psicologia e das artes, comprazem-se aos sábados, quando vão ao bairro “pesquisar” por que esse ambiente se lhes apresenta festivo. Músicas dos mais variados gêneros, pessoas em frente às suas casas jogando conversa fora, as pipas dançando ao vento, com moleques conduzindo os barbantes, o latir dos cachorros: esse ambiente de simplicidade e alegria quase ingênua deixa os pesquisadores em paz e felizes por estarem descobrindo a alegria da vida numa população que, no senso comum, teria tudo para ser triste. O olhar do professor de Artes visuais percebe, entre o gradil da cerca, um vaso sanitário repleto de flores e pensa: Duchamp, quando colocou o seu urinol em exposição, polemizou e fez arte. “O vaso sanitário do jardim do seu Guerino também é arte?” Passando os olhos mais adiante, vê-se, ao longe, o descortinar das montanhas e da plantação de bananeiras. Diante dessa paisagem, o comentário da estudante da Psicologia: “esta paisagem talvez sugira simbolicamente, aos moradores, um horizonte permeado de esperança”. A natureza do bairro nos transporta para dentro de uma obra de arte, onde se deparam dois caminhos: um em preto em branco e outro colorido. As

sensações são múltiplas. A primeira causa-nos angústia e tristeza, porque a pintura das casas retrata uma paisagem escura, árida, sem perspectiva, parecendo que algo a impedia de colorir. Ao mesmo tempo, sentimos uma sensação de esperança, ao ver, naquela cena escura, crianças, correndo de pé no chão a empinar pipas sem cor. Rabiolas ao vento dançam nas tiras do pano velho e sujo, uma visão surpreendente com grandes significados: o da inocência, da ingenuidade, da despreocupação da infância vivida da melhor forma possível. Quando nosso olhar se dirige ao caminho colorido, uma sensação de nostalgia e saudade nos invade. A estudante de Psicologia comenta: “Sei lá o que me fez retroceder no tempo, ao perceber roseiras carregadas de flores rústicas. Rosas com um perfume como jamais senti”. Essas mesmas flores reforçavam o colorido, dando vida em algumas casas, assim, como um dia deram vida, dentro de um vidro de remédio, enfeitando, na infância das meninas pobres, as brincadeiras de casinha. Neste mesmo caminho, o olhar da pesquisadora voltou-se para uma quaresmeira crivada de flores roxas e lilases em *degradê*, um visual de encher os olhos. Naquela imperava uma delicadeza, enfeitando a frente de um casebre envolto por um matagal, numa mistura de pés de abóboras e ervas cheirosas.

Com essas observações, o grupo de pesquisa iniciou uma discussão sobre estética a partir do conhecimento e da percepção de cada um.

## **METODOLOGIA: SÍNTESE POÉTICA**

O belo, para o grupo, difere de uma concepção clássica de beleza orientada por uma filosofia metafísica, ou por um “cartesianismo clássico”. O belo matemático, o belo que a ciência cartesiana intencionou. Para o grupo a arte é vista com o componente da subjetividade. No bairro Renascer, não encontramos o belo grego, mas, por certo, encontramos o belo. De que belo estamos falando? Que beleza procuramos? Estamos buscando a dimensão estética inerente a todo ser humano na visão de Croce, Bachelard, Baudelaire, Paz. Estamos procurando desvelar a expressão estética que possa dar visibilidade ao povo simples, escondido nas periferias das cidades. Não estamos ensinando arte nem técnicas de arte. Não é nosso objetivo. Estamos fazendo uma leitura da organização do espaço num bairro inóspito, árido sob o ponto de vista geográfico e até desumano, sob o ponto de vista social. Porém, rico de subjetividades, de afeto, de “*phatos figurado*” na perspectiva de Croce (1997). O belo do bairro Renascer figura a emoção de seus habitantes? Na nossa concepção, intuitivamente, o belo se define como um gesto, uma paisagem, uma imagem, uma cena que passa **harmonia, leveza, luminosidade e movimento**. Essa unidade que

chamamos de belo transmite paz e emoção a quem lhe dirige o olhar. “É o instante consagrado”, de que fala Octávio Paz (1973); de outra forma, também o falam Gaston Bachelard (1998) e Benedetto Croce (1997). A luminosidade está mais relacionada ao conjunto de fatores físicos, como incidência de luz sobre o objeto (movimento, luz e sombra) e dá leveza ao objeto estético. O movimento é a resultante do entrelaçamento dos três primeiros fatores. Portanto, se, no bairro Renascer, for percebida uma casa, uma janela, um quintal, um terreiro, uma cena de crianças brincando, um pé de flor com esses fatores, então, diríamos que estamos diante do belo.

Perceber e sentir as coisas faz parte da condição humana, vai além do tempo psicológico (CROCE, 1997). A estética, assim como a ética, faz parte da filosofia e explica a dimensão mais aprimorada do ser humano. Dessa forma, o belo, não é o que vulgarmente entendemos por belo (coisa bonita), aquilo que combina com isso ou aquilo. O belo, ou seja, a expressão estética, que é captada pelo olhar e por todos os outros sentidos, traz no seu interior, a humanidade contida em todos os homens (PAZ, 1973). Às vezes, não nos damos conta do que vemos. Quantas vezes não deixamos passar despercebidas coisas, pessoas e situações? Quantas vezes apenas passamos nossos olhos pelas coisas do mundo sem que olhemos com atenção e intenção? Tudo está para ser olhado, sentido. Resta saber com qual olhar, com qual sentido; olhos do corpo, olhos da alma, olhos tecnológicos, olhos racionais... Para Sennett (1994) neste mundo contemporâneo, as imagens são tão excessivas e rápidas que não temos como as olhar com um olhar reflexivo-sensível.

Essa condição humana, de que fala Paz, consiste em não se identificar com nada daquilo com que se encarna, também em não existir senão encarnada no que não é senão ela mesma, ou seja, a poética traz, em seu bojo, a contradição em relação ao conceito de identidade, na medida que a condição humana conteria, latente, a possibilidade para um vir a ser que nega, o que é, em uma dialética existencial superada, apenas no momento do instante consagrado ao poético. Assim, a expressão estética dos moradores do bairro Renascer seria a materialização desse movimento constante, desse vir a ser que é próprio da condição humana. Como sabemos, a identidade é construída por um processo dinâmico, no bojo da relação do homem com o mundo.

A poética ultrapassa a determinação do sujeito; no instante poético, o sujeito se transforma. No recriar concretamente seu mundo, ele recria a si. Ao identificar o objeto poético, o sujeito vê-se nele como um todo, como uma síntese. A marca deixada no mundo externo é concreta. O sujeito se expressa no objeto poético. A poética, na perspectiva de Bachelard (1998), seria um produto direto do coração. Ele fala de alma e de espírito como

duas dimensões da subjetividade, no sentido de que o espírito estrutura o poema e a alma faz devaneios.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tuan (1983, p.13) pergunta: “Podem as fragrâncias e os perfumes constituir um mundo?” Um mundo olfativo seria aquele em que os odores estão espacialmente arranjados, e não onde apareçam em uma sucessão acidental, ou como misturas rudimentares. Podem outros sentidos, além da visão e do tato, proporcionar um mundo espacialmente organizado? É possível argumentar que o paladar, o odor, o tato e mesmo a audição não nos dão, por si, a sensação de espaço? O paladar, o olfato, a sensibilidade da pele, a audição não podem individualmente (nem talvez juntos) tornar-nos cientes de um mundo exterior habitado por objetos, diz Tuan (1983). No entanto, em combinação com as faculdades espacializantes da visão e do tato, esses sentidos, essencialmente, são distanciadores, pois enriquecem muito nossa apreensão dos caracteres espaciais e geométricos do mundo. Uma moradora do bairro Renascer, dona Olga, identifica o espaço serrano da serra de São Joaquim pelo cheiro das flores, da comida e do frio na pele nos dias e noites geladas de São Joaquim O fogão a lenha, presente em toda casa de serrano, traz-lhe o cheiro do pão assado, sendo cortado ainda fumegante, derretendo a manteiga que se colocava sobre as fatias. Essas cenas, que povoam o imaginário de dona Olga, fazem parte da paisagem serrana descrita como um paraíso por Gonçalves (1989, p.143). “Hospedava-me, em uma fazenda muito bonita, alimentação farta, as macieiras em flor na primavera, o cheiro de terra molhada, o perfume das flores nas longas cavalgadas nos finais de tarde”...

Os moradores do bairro Renascer fazem uma partição entre o bairro e o centro da cidade. A fruição poética é com o centro urbanizado de Criciúma. “Ah! Ir no centro dá uma “vortiada”, um passeio por ali, repará como é. Sinto muito bem”. Passear, sair por prazer. O centro de Criciúma, as praças e suas ruas iluminadas exercem fascínio sobre todos os entrevistados. As luzes, quase todos se referem às luzes, à cidade iluminada. O centro da cidade se converte, dessa forma, no objeto poético para os moradores entrevistados, mesmo para dona Lizandra, tímida, confusa, com dificuldades de se expressar verbalmente.

Baudelaire (1997) também ficou fascinado pelas luzes da cidade. O manto da noite cobre tudo, inclusive o que é feio e só as luzes aparecem com suas belezas próprias e com a beleza do que iluminam. Parece que os moradores entrevistados captam isso: beleza e multidão.

“Assim o apaixonado pela vida universal entra na multidão como se isso aparecesse como um reservatório de eletricidade. Pode-se igualmente compará-lo a um espelho tão imenso quanto essa multidão; a um caleidoscópio dotado de consciência, que, a cada um de seus movimentos, representa a vida múltipla e o encontro cambiante de todos os elementos da vida é um insaciável “não eu”, que a cada instante o revela e o exprime em imagens vivas de que a própria vida, sempre instável fugidia”. (BAUDELAIRE, 1997, p.21).

Uma nova Lizandra, quem sabe, uma a mais na multidão da cidade, mas que interage com outras pessoas, originando outras energias que alimentam sua fruição, esse desejo de estar andando em Criciúma no meio da multidão: andar por outros caminhos, diferentes do percurso repetitivo que faz no bairro e se compara com o percurso do trem.

Na cidade, seu corpo cruza com outros corpos. Sente outros cheiros, vê as luzes, as vitrines coloridas. O corpo ocupa espaço. Sabemos que dona Lizandra existe porque a vemos, os outros a vêem. Seus pés, suas pernas “trilham” o mesmo caminho que vai de sua casa às casas de suas filhas. “É, trilho aí. Sempre estou trilhando pra cima e pra baixo, pra ir na minha filha, que eu tenho três que mora aqui. Aí eu trilho mais um pouco”.

Ela diferenciou dois movimentos corpóreos: **trilhar e andar**. O primeiro traduz opressão, falta de possibilidade de expansão, de liberdade, de criação. Trilhar é seguir um percurso repetitivo, como faz o trem que não pode sair dos trilhos. Um percurso sem possibilidade de mudar de rota, onde o novo parece que nunca será alcançado. Trilhar é um caminho sem horizontes, sem fruição poética. O segundo andar-expressa as possibilidades de alargamento de horizontes, de confirmação da esperança, do encontro consigo. Nesse tipo de relação com o espaço, o corpo já não está anestesiado, reage aos estímulos do ambiente, aos estímulos da cidade, às luzes, à multidão.

O ideal de prazer, de felicidade, para dona Lizandra estaria em compartilhar o frenesi dessa fruição poética em relação ao “belo”, ao “vivo” da cidade? A cidade bonita com praças e jardins, luzes, mas, sobretudo, com a multidão, pessoas andando nas calçadas, freqüentando as lojas, passeando. A vida está nas pessoas, presentes nas ruas, nos jardins, iluminados pelas luzes da cidade.

## CONCLUSÃO

A expressão estética das pessoas entrevistadas e a das observadas no bairro Renascer são analisadas em duas dimensões: pela poética compreendida como uma dimensão humana que ultrapassa o tempo psicológico, ou seja, a fonte de criatividade humana, e pela dimensão

psicológica por meio do processo de apropriação do espaço. Nessa dimensão estão localizados os processos cognitivos, afetivos e interativos.

O elemento poético, que é gestado no tempo da poética, faz uma ancoragem material no espaço por meio do objeto poético expressos nos modos de morar e habitar, expresso nas falas e nos registros etnográficos, no desenho e na fotografia. Ao enfeitar a casa, cuidar e cultivar o jardim, o sujeito está figurando o *phatos*, no dizer de Croce (1997). A figuração do objeto poético levou-nos a uma outra instância de compreensão da realidade. Essa realidade é construída pelo sujeito que nela deixa suas marcas, a da subjetividade e a da afetividade.

As dimensões da construção de si, a internalização e a apreensão do mundo orientam e mobilizam o sujeito à ação; é o encontro do dentro e do fora: essa é nossa compreensão de poética.

A dimensão psicológica diz do processo de construção da subjetividade. A gênese de toda a subjetividade, na perspectiva de Damergian (2001), envolve sujeito e meio. O crescimento do ser humano deve chegar ao âmbito das trocas simbólicas e à dimensão afetiva, com todas as suas implicações necessariamente presentes nesse intercâmbio. Uma interação verdadeiramente humana deve ser caracterizada pela representação do outro dentro de nós sem nos confundirmos com ele. Isso significa dar-lhe um lugar no sistema simbólico, aceitá-lo como ser desejante, mas igual no direito ao desejo, reconhecendo-o como sujeito de sua própria história.

Esse estudo sobre as periferias urbanas, colocando a poética como método de investigação muda a rota das pesquisas tradicionais, dá sentido às imagens da cidade e ao seu corpo significativo. A poesia urbana se expressa nos enfeites e adereços das casas, nos seus quintais, nos seus jardins, nos desenhos dos grafiteiros de muros, na música do rap da periferia, nas rabiolas soltas ao vento, direcionadas pelas mãos dos meninos que as seguram.

O universo sócio-cultural se constitui dinamicamente. Esses habitam os lugares da cidade e mobilizam as sensações e os desejos em diferentes graus de sensibilidade. A imensa diversidade de opções e de estímulos, que a atual sociedade impõe às pessoas, torna as linguagens e as imagens obsoletas. Precisamos o tempo todo reconfigurá-las, resignificá-las. Mas, essas reconfigurações, resignificações devem caminhar na contramão da sociedade de consumo, porque ela homogeneiza as subjetividades e aliena o sujeito. Resignificar diz da integração de nossa identidade, num processo que nos devolve o chão.

A organização do espaço da cidade deve, portanto, seguir uma outra lógica a da integração por meio de um processo não-linear. Não se busca uma identidade fixa, mas uma identidade que se constrói num processo em sua dupla face, como fala Rolnik (2001). Essa

dupla face busca, por uma lado, a sedimentação estrutural; por outro, a agitação caótica onde outros e estranhos **eus** se perfilam com outros contornos, outras linguagens, outras estruturas. Essa diversidade, aparentemente contraditória, remete-nos a Oliva (2003), quando fala da força da urbanidade. A coexistência dessa diversidade permite à cidade ser o lugar do encontro e da diferença, a cidade com urbanidade.

Acreditamos que a expressão estética, aqui entendida, leva a uma nova concepção de organização do espaço da cidade; portanto, a uma nova concepção de planejamento urbano que contempla o processo de construção da identidade e a produção da subjetividade dos chamados seres urbanos que fazem da cidade um ator social.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- BENINCÁ, D. M. **Depoimento**. Criciúma, 2003/2004
- CROCE, Benedetto. **Breviário de estética**. São Paulo: Ática, 1997. 207p.
- DAMERGIAN, Sueli. A construção da subjetividade na metrópole paulistana: desafio da contemporaneidade. In: **Panoramas Interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano**. TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira (org) São Paulo: EDUC; FAPESP, 2001. p.86-120.
- DE LUCA, M. G. **Depoimento**. Criciúma, 2003/2004
- GONÇALVES, T.M. **Estereotipia da Relação Profissional/Paciente e Inibição do Processo Terapêutico**. (Análise de uma Experiência em Instituição Psiquiátrica). 1989. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- GONÇALVES, T.M. **O Processo de Apropriação do Espaço Através dos Modos de Morar e habitar o Lugar** (uma abordagem psico-sócioambiental do bairro Renascer/Mina Quatro de Criciúma-SC). 2002. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e desenvolvimento) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- LOCATELLI, M. D. **Depoimento**. Criciúma, 2003/2004
- OLIVA, Jaime Tadeu. **A cidade como ator social**. A força da urbanidade. In: Dilemas Urbanos. Novas abordagens sobre a cidade. CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges (org). São Paulo: Contexto, 2003.
- PAZ, Octávio. La consagración del instantane: el arco y la lira. In: ADORNO, T. W. Et al. **El arte en la sociedad Industrial**. Buenos Aires, Rodolfo Alonso.p..27-38,197
- POL, Enric. La apropiación del espacio. In: IÑIGUEZ, Lupicínio, POL, Enric. Monografies psico-socio ambientales. Barcelona: Universitat de Barcelona, [s.d.]. Cap. 5, p.45-62
- PROSHANSKY, H. M. **Appropriation et nonappropriation** (mis-appropriation) de l'espace. [S.I.:S.N.], 1976.

ROLNIK, Suely. Novas Figuras do Caos Mutações da Subjetividade Contemporânea. In: **Cidade Atravessada**. Os sentidos públicos no Espaço Urbano. ORLANDI, Eni P. (org). Campinas, SP: Pontes, 2001. p.25-33.

SANSOT, P. **Poétique de la Ville**. Paris: Armand Colin, 1996.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1994.

TASCA, E. V. **Depoimento**. Criciúma, 2004

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**. São Paulo: UNESP, 1983.